



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional
FIDENE-UNIJUI

Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 09/06/2023 a 15/06/2023

Prof. Dr. Argemiro Luís Brum¹

¹ Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
09/06/2023	13,86	397,20	54,59	6,30	6,04
12/06/2023	13,72	397,40	53,98	6,33	6,17
13/06/2023	13,99	397,50	55,43	6,36	6,12
14/06/2023	13,88	389,70	55,96	6,30	6,07
15/06/2023	14,28	394,20	58,43	6,61	6,23
Média	13,95	395,20	55,68	6,38	6,13

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)
no mercado físico brasileiro - em
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	121,50	
RS – Londrina	118,00	
PR – M.C.Rondon	118,00	
MT – C.N.Parecis	106,00	
MS – Maracaju	114,00	
GO - Rio Verde	109,00	
BA – L.E.Magalhães	113,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	60,00	CIF
Porto de Paranaguá	60,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Não-Me-Toque	51,00	
SC – Rio do Sul	47,00	
PR – M.C.Rondon	45,00	
PR – Londrina	45,00	
MT – C.N.Parecis	37,00	
MS – Maracaju	40,00	
SP – Itapetininga	50,00	
SP – Campinas	53,00	CIF
GO – Rio Verde	39,00	
GO – Jataí	39,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	S/C	
RS – Não Me Toque	64,00	
PR – Londrina	66,00	
PR – M.C.Rondon	66,00	

Período: 14/06/2023

S/C=Sem Cotação.

(*) Valor de compra.

(**)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do
Sul – 15/06/2023**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	53,21	124,93	64,61

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos
pelos produtores do Rio Grande do Sul –
15/06/2023**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	82,07
Feijão (saco 60 Kg)	239,27
Sorgo (saco 60 Kg)	43,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,06
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,82**
Boi gordo (Kg vivo)*	8,97

(*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(**) Referência Abril/23, cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

MERCADO DA SOJA

As cotações da soja, em Chicago, subiram bem nesta semana, na esteira de preocupações com o clima mais seco nos EUA. Últimos relatórios, divulgados no dia 15/06, deram conta de que 51% das lavouras de soja daquele país estavam sob condição de seca. Com isso, o bushel da oleaginosa, para o primeiro mês cotado, voltou a romper o teto dos US\$ 14,00, fechando a quinta-feira (15) em US\$ 14,28, contra US\$ 13,63 uma semana antes. Ajudou para isso a forte elevação nos preços do óleo de soja em Chicago, os quais atingiram a 58,43 centavos de dólar por libra-peso no dia 15/06, valor mais elevado desde o dia 08/03 passado.

Como já é do conhecimento geral, o clima é o elemento central neste momento nos EUA, já que o relatório de oferta e demanda do USDA, divulgado no dia 09/06, até foi baixista para o mercado. O mesmo manteve a safra 2023/24, dos EUA, na projeção de 122,7 milhões de toneladas, porém, elevou para 9,52 milhões os estoques finais naquele país. Ao mesmo tempo, colocou a safra mundial de soja em 410,7 milhões de toneladas, com leve elevação sobre maio, porém, aumentou em quase um milhão de toneladas os estoques finais mundiais, passando-os para 123,3 milhões de toneladas. A produção brasileira, para o novo ano comercial, foi mantida em 163 milhões de toneladas, enquanto a da Argentina permaneceu em 48 milhões. Já as importações chinesas continuaram estimadas em 100 milhões de toneladas. Com isso, o preço médio aos produtores estadunidenses de soja, no ano 2023/24, se manteve estimado em US\$ 12,10/bushel, contra US\$ 14,20 para o corrente ano 2022/23.

Por sua vez, na esteira de um clima mais quente e seco na região produtora dos EUA, as condições das lavouras de soja naquele país pioraram. Com 96% da área semeada, contra 86% na média histórica, até o dia 11/06, as lavouras apresentavam 86% em germinação, contra 70% na média, enquanto 59% estavam entre boas a excelentes condições, contra 32% regulares e 7% entre ruins a muito ruins.

Em relação aos embarques de soja, na semana encerrada em 08/06 os EUA concretizaram 140.179 toneladas, elevando o total para 48,8 milhões de toneladas no corrente ano comercial.

Já na Argentina, a Bolsa de Rosário voltou a cortar o volume colhido de soja no ano 2022/23, ficando o mesmo, agora, em 20,5 milhões de toneladas, contra mais do que o dobro colhido na safra anterior.

E aqui no Brasil, confirmando a estabilização dos preços, e até algum viés de recuperação, a média gaúcha fechou a semana em R\$ 124,93/saco, porém, as principais praças mantiveram-se em R\$ 121,50/saco. Nas demais regiões do país, os preços oscilaram entre R\$ 106,00 e R\$ 118,00/saco. O aumento das cotações em Chicago acabou sendo parcialmente anulado pela nova valorização do Real, que chegou a R\$ 4,80 por dólar durante a semana, assim como a continuidade de prêmios negativos nos portos, com Paranaguá sinalizando US\$ 0,91/bushel, negativo, para junho; apenas US\$ 0,10 positivo para agosto e US\$ 0,55/bushel, negativo, para abril do próximo ano.

Tomando o porto de Paranaguá (PR) como referência, o indicador do preço da soja está em R\$ 135,53/saco, contra R\$ 196,63 na mesma época do ano passado, segundo

dados do Cepea/Esalq (são praticamente 61 reais a menos, por saco, na atualidade). Em relação ao valor registrado há um mês, a commodity recuou no porto paranaense mais de 4%.

Dito isso, a comercialização de soja, da safra 2022/23, atingiu a 58,6% da produção total em meados de junho, com muitos produtores necessitando vender em função dos compromissos bancários em vencimento, além de liberar os silos para a entrada da safrinha de milho no Paraná e Centro-Oeste. A média histórica é de 75,2% para esta época, fato que confirma que os produtores estão segurando ao máximo, as vendas, diante dos baixos preços oferecidos. Considerando a estimativa de produção, atualizada em 155,9 milhões de toneladas, os sojicultores brasileiros negociaram, até meados de junho, cerca de 91,4 milhões de toneladas. (cf. Datagro)

Especificamente no Mato Grosso, a safra 2023/24, que começa a ser semeada apenas em setembro, registra negociações antecipadas bastante fracas. Apenas 12,1% da produção esperada já teria sido comercializada, contra 27,9% na média histórica para o período. Já as vendas da safra 2022/23 alcançaram a 72,1% do total colhido, até meados de junho, contra 85,4% na média histórica. "A evolução no ritmo das vendas só não foi maior devido ao recuo mensal de 5,91% no preço da soja, que fechou com média de R\$ 112,59/saco no Estado". (Cf. Imea)

Pelo lado das exportações, tem-se que o Brasil deverá superar a Argentina nas vendas externas de farelo de soja, em função da forte frustração de safra ocorrida no país vizinho. Lembrando que a Argentina é o maior exportador mundial de farelo e óleo de soja, em condições normais de produção. Segundo o último relatório de oferta e demanda do USDA, deste dia 09/06, o Brasil deverá exportar 21,6 milhões de toneladas de farelo e a Argentina 21,1 milhões. A Argentina, que geralmente exporta a maior parte de sua produção de farelo, deverá produzir 23,4 milhões de toneladas do derivado de soja, enquanto o Brasil, que consome cerca de metade do que produz em seu mercado interno, produzirá 41,5 milhões de toneladas no período 2022/23.

Já em junho, as exportações de farelo de soja brasileiras deverão superar as 2,2 milhões de toneladas, segundo projeção da Associação Nacional dos Exportadores de Cereais (Anec). O Brasil também tem elevado o processamento de soja neste ano para níveis recordes, contando com uma mistura maior de biodiesel, que tem no óleo de soja a principal matéria-prima do biocombustível. Isso acaba resultando em maior oferta de farelo, já que para cada grão moído se retira, em média, 78% de farelo e 18,5% de óleo.

Para o ano 2023/24 o USDA avança que a Argentina voltará a liderar o ranking da exportação de farelo de soja, com embarques de 24,3 milhões de toneladas, contra 21,8 milhões de toneladas esperadas para o Brasil, uma vez que há expectativa de forte recuperação da safra do país vizinho. (cf. Reuters)

Enfim, a exportação de soja por parte do Brasil, até a segunda semana de junho, registrou média diária de 768.300 toneladas, com alta de 61,5% sobre a média do mesmo mês do ano passado. No acumulado do mês, o volume sobe a 4,6 milhões de toneladas, contra 10 milhões exportados em todo o mês de junho do ano passado. (cf. Secex)

MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram na esteira do clima mais seco nas regiões produtoras dos EUA. Conforme relatórios, 57% das lavouras locais estão sob condição de seca nesta semana. Assim, o fechamento desta quinta-feira (15) ficou em US\$ 6,23/bushel, contra US\$ 6,10 uma semana antes.

O relatório de oferta e demanda pode ser considerado neutro, com leve viés de alta, na medida em que manteve a safra dos EUA projetada, para 2023/24, em 387,8 milhões de toneladas, enquanto os estoques finais do país subiriam para 57,3 milhões. Já a safra mundial aumentaria para 1,223 bilhão de toneladas, e os estoques finais globais somariam 314 milhões. A produção brasileira está projetada em 129 milhões e a da Argentina em 54 milhões de toneladas para o novo ano comercial. Com isso, o USDA manteve o preço médio do bushel de milho, aos produtores estadunidenses, em US\$ 4,80 para o novo ano.

Dito isso, o plantio do milho está concluído nos EUA, com 93% das lavouras já tendo germinado. Aqui, igualmente, a qualidade das lavouras, devido ao clima mais seco, foi reduzida, com 61% ficando entre boas a excelentes, 31% regulares e 8% entre ruins a muito ruins.

Quanto aos embarques de milho, na semana encerrada em 08/06 os EUA atingiram a 1,17 milhão de toneladas, ficando dentro das expectativas do mercado. Com isso, o total embarcado no atual ano comercial soma 31,1 milhões de toneladas, ainda 31% abaixo do registrado há um ano.

E no Brasil, os preços do cereal se mantiveram baixos, com algum viés de recuperação na B3. A média gaúcha fechou a semana em R\$ 53,21/saco, enquanto nas demais praças nacionais o produto girou entre R\$ 37,00 e R\$ 50,00/saco. Já na B3, o fechamento do dia 14/06, para referência, sinalizou movimento positivo, com as principais posições girando entre R\$ 53,55 e R\$ 62,80/saco. Analistas destacam a diferença entre as cotações dos contratos julho/23 e janeiro/24, que alcança quase R\$ 10,00/saco a mais em janeiro, devido aos custos de armazenagem que o produtor terá no período. (cf. Agrinvest)

Neste contexto, a consultoria Agrinvest aponta que o milho brasileiro continua muito competitivo, em relação aos demais exportadores, mas, por outro lado, essa competitividade internacional se traduz em preços baixos para o milho no interior do país, o que está levando as margens do milho a ficarem negativas em algumas regiões, considerando a forte queda dos preços nos últimos meses. (cf. Notícias Agrícolas)

Por outro lado, a comercialização da safra de verão 2022/23, no Centro-Sul brasileiro, alcançou 49,2% da produção esperada, contra 58,6% em igual momento de 2022 e 64,4% na média histórica. Já a comercialização da safra de inverno 2023, na mesma região, chegou a 34,3%, contra 51,3% na média histórica. (cf. Agrinvest)

De forma geral, o mercado brasileiro de milho continua bastante travado, com os consumidores forçando para novos recuos de preço do cereal.

Por sua vez, diante de uma colheita recorde neste ano, o Brasil precisa exportar, pelo menos, 50 milhões de toneladas de milho para segurar os preços e, talvez, melhorá-los um pouco nos próximos meses. Por enquanto, temos muito milho em estoque e forte pressão baixista.

Em tal contexto, importante se faz destacar que a colheita da atual safrinha 2023 chegou, até o dia 08/06, a 2,2% da área semeada no Centro-Sul nacional. (cf. AgRural) Já no Mato Grosso, maior produtor brasileiro de milho, a mesma teria atingido a 3,6% da área local, contra a média histórica de 9,7% para esta época do ano. A expectativa é que o Mato Grosso colha 49 milhões de toneladas de milho nesta safrinha, com o Estado tendo negociado 44,6% de sua atual segunda safra. Por outro lado, os preços do milho despencaram 21,8% entre abril e maio e fecharam com média de R\$ 38,45/saco naquele Estado. Já para a safra 2023/24 a comercialização chegou à 3,7%, sendo que o preço médio para o ano 2023/24 ficou em R\$ 32,78/saco. (cf. Imea)

A produção total de milho no Brasil, na safra 2022/23, deverá ficar entre 127 e 133 milhões de toneladas, sendo que a safrinha registrará volume entre 95 e 102 milhões de toneladas. Neste momento, segundo a Conab, 85,2% da área de verão já está colhida.

Enfim, segundo a Secex, nos primeiros seis dias úteis de junho o Brasil exportou 231.153 toneladas de milho, o que representa uma redução de 18,2% na média diária de embarques, em relação ao mesmo período do ano passado. O preço obtido por tonelada recuou 11,3% no período, saindo dos US\$ 316,50 no ano passado para US\$ 280,80 no corrente mês.

MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo, em Chicago, subiram bastante nesta semana, puxadas pela soja e milho, sendo que o primeiro mês cotado fechou a quinta-feira (15) em US\$ 6,61/bushel, contra US\$ 6,26 uma semana antes.

O relatório do USDA não trouxe surpresas, indicando uma safra estadunidense, do cereal, em 45,3 milhões de toneladas e estoques finais, em 2023/24, em 15,3 milhões de toneladas. Já a produção mundial de trigo ficou estabelecida em 800,2 milhões de toneladas, aumentando cerca de 11 milhões sobre o relatório de maio. Enquanto isso, os estoques finais mundiais de trigo estão, agora, projetados em 270,7 milhões de toneladas, com aumento ao redor de 6 milhões de toneladas sobre maio. A produção brasileira e argentina está estimada em 10 e 19,5 milhões de toneladas respectivamente, neste novo ano comercial. Com isso, o preço médio do bushel de trigo, projetado ao produtor estadunidense, foi reduzido para US\$ 7,70 para este novo ano comercial, contra US\$ 8,85 no atual período 2022/23.

Dito isso, a colheita do trigo de inverno, nos EUA, até o dia 11/06, chegava a 8% da área, contra 9% na média histórica. Já as condições das lavouras, ainda a serem colhidas, se apresentavam com 38% entre boas a excelentes, 31% regulares e 31% entre ruins a muito ruins. Por sua vez, o trigo de primavera, na mesma data, apresentava um plantio em 97% da área esperada, enquanto 90% das lavouras

estavam germinadas, contra 87% na média. Já os embarques semanais de trigo foram de 246.559 toneladas nos EUA, na semana encerrada em 08/06, ficando dentro das expectativas do mercado.

Em paralelo, segundo a Bolsa de Rosário, a safra de trigo da Argentina, para 2023/24, será menor do que prevê o USDA, devendo ficar em 16,2 milhões de toneladas, sobre uma área a ser semeada de 5,6 milhões de hectares. Cerca de 20% desta área já havia sido plantada até o final da semana anterior.

E aqui no Brasil, os preços do trigo estacionaram, com a média gaúcha fechando a quinta-feira (15) em R\$ 64,61/saco, enquanto no Paraná o produto se manteve em R\$ 66,00.

O plantio da nova safra de trigo alcançava cerca de 60% da área esperada durante a corrente semana, sendo que o Paraná atingia a 82% da área esperada, com 95% das lavouras semeadas estando em boas condições. Já no Rio Grande do Sul o plantio chegava a 57% da área em algumas regiões, caso do Noroeste.

No Estado gaúcho avança o sentimento, na setor privado, de que a área possa ser menor em até 5%, em relação ao ano passado. A falta de crédito e seguro agrícola, além de preços muito baixos no mercado, preocupam os produtores de trigo gaúchos, além da chegada do fenômeno El Niño, o qual pode provocar prejuízos às lavouras do cereal.

Neste sentido, a Emater/RS indica que a safra de trigo gaúcha recuará em 14% neste ano, para ficar em 4,55 milhões de toneladas, com recuo de 1,5% na área semeada, com a mesma ficando em 1,5 milhão de hectares. A produtividade média ficaria em 3.021 quilos/hectare, em clima normal, recuo de 12,6% sobre o registrado em 2022.